



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNISOCIESC
PSICOLOGIA

ANNA CAROLINA REGIS
BRUNO FELIPE BAULER
GABRIEL ANTONIO MODANESE
GABRIELA ARAUJO DOS SANTOS

O DEGRAU CINZA E BRANCO DA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE A
PSICOLOGIA E A ESCOLA PÚBLICA

BLUMENAU/SC

2023

ANNA CAROLINA REGIS
BRUNO FELIPE BAULER
GABRIEL ANTONIO MODANESE
GABRIELA ARAUJO DOS SANTOS

**O DEGRAU CINZA E BRANCO DA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE A
PSICOLOGIA E A ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da UNISOCIESC como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora Prof^a. Dr^a.: Flávia Roberta Busarello.

BLUMENAU/SC

2023

ANNA CAROLINA REGIS
BRUNO FELIPE BAULER
GABRIEL ANTONIO MODANESE
GABRIELA ARAUJO DOS SANTOS

**O DEGRAU CINZA E BRANCO DA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE A
PSICOLOGIA E A ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da UNISOCIESC como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª.: Flávia Busarello.

Aprovado em: ____/____/____.

Presidente: Prof^ª. Flávia Roberta Busarello, Dr^ª. - Orientadora
Centro Universitário UNISOCIESC

Membro: Prof^ª. Clarisse Daminelli Borges Machado, Dr^ª.
Centro Universitário UNISOCIESC

Membro: Prof. Rodrigo Diaz de Vivar y Soler, Dr.
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a professora Flávia Roberta Busarello por sempre mostrar disponibilidade para auxiliar na formulação deste trabalho, tirando dúvidas e constantemente nos dando um norte. Gostaríamos de agradecer também a professora e coordenadora do curso Amanda Lang por nos proporcionar qualidade nesse ambiente de aprendizagem e um agradecimento aos convidados externos da banca, Rodrigo Diaz de Vivar Y Soler e Clarisse Daminelli Borges Machado, por nos prestigiar em nossa apresentação.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal identificar e analisar o papel da escola pública na vida dos estudantes. Para isso, foram realizadas pesquisas referentes a escola pública, o papel do psicólogo nesse ambiente e a percepção dos alunos sobre esses locais. O método de pesquisa utilizado foi de revisão bibliográfica e foram selecionados 19 artigos para a formulação deste trabalho. Os artigos analisados foram publicados entre os anos de 2021 e 2023 (nas bases de dado SciELO e Capes), com os termos "psicologia" e "escola pública". Analisando os resultados nota-se predominância de publicações nas regiões do sudeste e centro-oeste, sem nenhum artigo publicado nas regiões do norte e nordeste. O maior número de trabalhos identificados foram publicados no ano de 2021. Conclui-se que o papel do psicólogo nesse meio tem sua importância no momento de dar voz ao estudante e trabalhar como um mediador entre a saúde mental e as instituições de ensino, trabalhando com a não medicalização e com novas estratégias para amplificar a obtenção de conhecimento dos alunos por meio de um trabalho interdisciplinar com professores

Palavras-chave: Psicologia. Escola Pública. Educação. Psicologia Educacional. Escola.

ABSTRACT

The main objective of this work was to identify and analyze the role of public schools in the lives of students. To this end, the research was carried out regarding public schools, the role of the psychologist in this ambient and the students' perception of these places. The research method used was bibliographic review and 19 articles were selected for the formulation of this work. The articles analyzed were published between 2021 and 2023 (in the SciElo and Capes databases), with the terms "psychology" and "public school". Analyzing the results, there is a predominance of publications in the southeast and central-west regions, with no articles published in the north and northeast regions. The largest number of works identified were published in 2021. It is concluded that the role of the psychologist in this environment is important in giving voice to the student and working as a mediator between mental health and educational institutions, working with non-medicalization and new strategies to amplify the acquisition of knowledge of students through interdisciplinary work with teachers

Key words: Psychology. Public school. Education. Educational Psychology. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicações por Ano.	24
Figura 2 – Região do País com Publicação.	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Universidades e Estados com Artigos Publicados.	27
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Conselho Federal de Psicologia
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
SED	Secretaria de Estado da Educação
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
TDA	Transtorno de Déficit de Atenção
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	ESCOLA E AFETO	22
3	METODOLOGIA	23
4	RESULTADOS	24
4.1	A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS: PERCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL	28
4.2	A PSICOLOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2023, ocorreu um atentado em uma creche na cidade de Blumenau/SC, onde quatro crianças foram mortas e cinco feridas. O criminoso invadiu a creche durante o horário de aula. Casos como esse estão se tornando cada vez mais comuns por todo o Brasil. Ao todo, 52 pessoas foram assassinadas em atentados em instituições de ensino brasileiras desde 2011, sendo 7 somente no último ano (Poder360, 2023). Centros de educação infantil, escolas e universidades são locais que remetem a aprendizado, expectativas e segurança, mas também espaços em que podem ocorrer diversas formas de violência como xingamentos, ameaças, brigas com e sem agressões físicas entre alunos e professores (Ovídia & Souza, 2012).

Na sociedade moderna, a escola é uma instituição que desempenha um papel fundamental. É responsável por proporcionar educação e formação aos indivíduos desde a infância até a vida adulta. Entretanto, sua real importância vai muito além do simples ensino de conteúdo e por muitas vezes acaba sendo subestimada. Importante ressaltar que o aprendizado não merece desvalorização, e sim a atenção deve ser voltada para a forma qual esse aprendizado será transmitido. A escola é também um espaço onde ocorre a socialização, desenvolvimento de habilidades, construção de conhecimento acadêmico e estímulo de diferentes afetos. Um local onde ocorre os primeiros contatos sociais e onde se é percebido o convívio com o outro. Troca de experiências, estímulo do pensamento crítico e construção de valores são algumas das coisas a serem trabalhadas por essas instituições. Investir na educação é uma estratégia para ter uma sociedade bem desenvolvida.

A educação é entendida como uma prática intencional e social humanizadora, com o objetivo de transmitir a cultura que foi construída ao longo da história da humanidade. O sujeito torna-se humanizado a partir do pertencimento no mundo histórico-social (Antunes, 2008) e da internalização do mundo a si mesmo, sendo um processo junto com a educação. A partir disso, se questiona: Qual o papel que a escola pública está desempenhando na vivência de crianças e adolescentes?

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou orientações para práticas de psicólogos escolares que informa o papel dos psicólogos na prevenção e no enfrentamento à violência em contexto escolar. Essas novas orientações trazem recomendações aos profissionais para situações de violência nos espaços educacionais com estratégias de

posvenção que tem foco no cuidado a partir da comunidade escolar e da consolidação de fluxos e estratégias para estabilizar estresses agudos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 123.585 escolas de ensino fundamental compreendendo mais de 26 milhões de alunos e 29.167 de ensino médio, com mais de 7 milhões de alunos (IBGE, 2021). Com base em um levantamento feito pela Secretaria de Estado da Educação (SED) em 2023, em Santa Catarina, compreendendo ensino fundamental e ensino médio, tem-se 3.388 instituições de ensino públicas. O Projeto de Lei 8291/14, da ex-deputada Iara Bernardi e da deputada Margarida Salomão (PT-MG), aprovado em 2015, pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, altera o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) para uma ampliação na faixa etária obrigatória da educação escolar, que é de 6 a 14 anos (Santos, 2022). Sendo assim, é dever do Estado assegurar educação básica e gratuita organizada entre: pré-escola; ensino fundamental; ensino médio. A escola passa pela vida de todas as crianças e adolescentes, ou, pelo menos, deveria, e a partir de fundamentos básicos até noções mais avançadas, tenta mediar vivências teoricamente necessários na sociedade. A maneira como isso é feito, no entanto, já sofreu várias alterações.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio. Mesmo com a estrutura educacional e sistema de ensino terem se atualizado tantas vezes para acompanhar o passar das gerações, um grande problema continua sendo a maneira conservadora de se transmitir conhecimento. Isso afeta diretamente o produto final, que é a formação do indivíduo como ser social com projetos de vida. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 2016: A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Meire Nunes Viana e Rosângela Francischini no livro “Psicologia escolar: que fazer é esse?” (2016, p. 3) afirmam que:

A Psicologia tem como marca a ampliação da sua atuação na esfera pública, contribuindo assim para a expansão da Psicologia na sociedade e ampliando o debate sobre Direitos Humanos, saúde, assistência social, jurídica, trânsito, etc, entretanto ainda não se consolidou a política pública que conta com psicólogos e psicólogas nas equipes multidisciplinares na educação básica, tanto para as escolas da rede pública, como para as escolas da rede privada.

Pedro Paulo Bicalho, presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP) também explica que (2023):

É fundamental que a Psicologia brasileira esteja amplamente engajada, participando presencialmente ou mesmo se posicionando por meio dos canais da Câmara dos

Deputados. Passados quase quatro anos desde a promulgação da Lei 13.935/2019, é necessário que as deputadas e os deputados saibam que a normativa ainda não está sendo efetivamente cumprida.

Diante desse contexto, foi questionado: de que maneira as escolas impactam na vida dos estudantes? E ainda, qual a real importância que as instituições educacionais dão para a qualidade de ensino e para adesão dos alunos? Falta de motivação, perspectiva e interesse, atravessadas por questões ético-sociais, culturais e demográficas, são questões muitas vezes negligenciadas pelas instituições de ensino, o que impacta a formação desses alunos.

A partir dessas indagações esse trabalho teve como objetivo geral analisar o papel da escola pública na vida dos estudantes, a partir de uma revisão bibliográfica. E como objetivos específicos: a) entender a experiência dos estudantes sobre a escola pública; b) identificar que tipos de pesquisa estão sendo publicadas referente a escola pública e psicologia; e c) compreender, a partir da revisão bibliográfica, função da psicologia nas escolas públicas.

Entender o papel do psicólogo nas escolas auxilia na determinação de suas funções nesse ambiente. Um estágio realizado por alunos do curso de psicologia da UniSociesc no ano de 2023, contou com trabalhos em uma escola pública da região. Tendo início com o reconhecimento do contexto e criação de vínculo com os estudantes, no decorrer do estágio foi possível trabalhar diversas áreas, com o objetivo de tornar mais recompensador e prazeroso o tempo na escola. Foram realizados trabalhos artísticos, para que de forma gradativa eles entendessem seu papel na escola e se enxergassem como indivíduos que também fazem parte daquele local, e não apenas como corpos isolados dispostos em uma instituição. Segundo Viana e Francischini (2016, p. 115):

De um modo geral, é importante ressaltar que a educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação contemporânea porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir, educando a todos de tal forma que estes tenham formação educacional independente de sua falta de habilidade ou deficiência, objetivando, assim, que todos possam ter os mesmos direitos de tomar o seu lugar na sociedade (Viana e Francischini, 2016, p. 115).

A psicologia nas escolas possui um papel muito importante. O apoio dos psicólogos práticos nas escolas em sentido amplo aproxima a teoria da práxis. A depender do grau em que o trabalho do psicólogo escolar consegue explicar problemas enfrentados por professores em sala de aula, a ação desses profissionais nas escolas é também desenvolver os próprios educadores, fornecendo aos mesmos princípios da conduta humana, principalmente aqueles relacionados com aprendizagem escolar, criando base para que o professor, a partir de seu

próprio senso crítico pessoal, consiga transformar todo aprendizado adquirido com o psicólogo educacional, em ações e métodos apropriados as vivências pedagógicas do cotidiano (Libâneo, 2012). O que os auxilia para que eles estejam cada vez mais preparados, fortalecidos e equipados para um ensino de qualidade junto ao aluno.

Quando professores têm um contexto de trabalho bem estruturado e organizado, são capazes de fornecer melhores ambientes de ensino aos alunos. Quando a necessidade de todos é atendida, de maneira geral o sistema de ensino flui automaticamente melhor.

Otimizar o processo de aprendizagem, o deixando mais simples e completo, fornece aos alunos melhores possibilidades para obtenção de conhecimento. É importante notar que simplicidade e completude não são opostos. Não necessariamente algo mais simples tem menos efetividade. Identificar as necessidades específicas de cada indivíduo auxilia nesse processo. Verificar de quais maneiras isso é possível, é trabalho importante para a melhoria do ensino no geral. Entender contextos e fases do desenvolvimento são meios para se chegar a um trabalho mais conclusivo, com real participação dos alunos nos processos educacionais. Sendo assim, a psicologia tem várias razões para estar presente nas escolas, tais como: desenvolver criatividade, relações interpessoais, proteção social e participação familiar e comunicativa são algumas das coisas que impactam diretamente no processo de ensinar e aprender, o que também fortalece a relevância social da presente pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire (1968) defende uma educação com senso crítico e também libertadora, que permita aos oprimidos terem consciência e transformar sua realidade. A escola não deve ser apenas um local para transmitir conhecimento, mas sim um espaço onde o pensamento crítico e senso social sobre a realidade possam ser trabalhados e desenvolvidos. Quando Freire (1968) fala sobre oprimidos, ele está se referindo a sujeitos que estão em uma posição de subordinação em relação aos "opressores", aqueles que detêm o poder econômico, político ou social. O oprimido muitas vezes é vítima de uma educação bancária, que o trata como objeto de conhecimento e não como sujeito, e que o impede de desenvolver sua consciência crítica e sua capacidade de questionar.

Para o autor, a escola tem a função de mediar o futuro, não apenas preparando os alunos para um mercado de trabalho, mas também os tornando capazes para transformarem a realidade em que vivem. A educação deve ser um processo de diálogo reflexivo onde o aluno não é apenas visto como objeto de aprendizagem, mas sim como sujeito. Portanto, deve ser um espaço de libertação onde os alunos possam compreender as estruturas sociais e lutar por sua própria libertação e pela transformação da sociedade. Além do conteúdo, a escola precisa um espaço que transforma, estimulando o senso crítico (Freire, 1968).

Para Freire (1968), a educação tradicional desconsidera realidades sociais e entende os alunos apenas como receptores de informação, onde esses acabam sendo oprimidos pelo sistema de ensino. Segundo o autor, esse método os torna submissos e passivos, não condizendo com a real necessidade social de cada um. Para o autor:

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. Ao denunciá-la, não esperamos que as elites dominadoras renunciem à sua prática. Seria demasiado ingênuo esperá-lo (Freire, 1968, p. 43).

Educação bancária se refere a um modelo de ensino que trata o aluno como um recipiente vazio que precisa ser preenchido com informações e conhecimentos transmitidos pelo professor, de forma passiva e acrítica. Nesse modelo, o professor é visto como detentor do conhecimento e o aluno como um receptor passivo, sem voz ativa no processo de aprendizagem. A educação bancária não permite que os alunos desenvolvam sua capacidade crítica e criativa, não promove a reflexão e o diálogo, e não leva em conta a realidade social e cultural dos alunos (Freire, 1968).

Em contrapartida, o educador propôs o modelo de "educação libertadora", que busca a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, e a valorização dos saberes e experiências dos alunos como ponto de partida para a construção do conhecimento.

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não "bancária", é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (Freire, 1968, p. 75).

Os modelos educacionais tradicionais seguem um padrão mesmo em diferentes estados. Esse sistema garante o funcionamento das instituições de ensino, e estando sempre no controle das grades curriculares, se tem controle também sobre o que os alunos estarão estudando e quais conhecimentos e conceitos estarão adquirindo. Sobre o funcionamento dessas instituições:

Dessa forma, o Estado brasileiro não depende unicamente das suas instituições para garantir a sua sobrevivência, mas também de modelos gerenciais propostos pelas diferentes formas de gerenciamento da vida. A razão de Estado é, portanto, o ponto de encontro entre os modos de soberania e uma governamentalidade sempre a se constituir (Soler et al., p.11 2023).

Outro autor que auxilia a pensar o processo de educação é Vigotski. Segundo ele, a adolescência é entendida como uma fase da vida muito produtiva e favorável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e para a formação dos conceitos científicos, transformando-o mais crítico e mais ativo na relação com outras pessoas e na superação da sua realidade. Ele indica que nesta fase, os adolescentes apresentam capacidades que devem ser exploradas pela escola, pois é através do conhecimento científico adquirido que eles podem se desenvolver psicologicamente alcançando a compreensão que têm da realidade (Vigotski, 1996).

Vigotski (1996) em seus estudos sobre cultura, pensamento e linguagem, aponta que o aparecimento de pensamentos em conceitos se estabelece como o principal identificador no desenvolvimento cultural dos adolescentes. Para ele a passagem do pensamento característico da infância para o da adolescência coincide com a fase de maturação sexual (puberdade). Esta fase é analisada a partir da perspectiva da maturação que é definida como um período de mudanças hormonais e corporais que define a transição de infância e adolescência. Ele compreende a adolescência como um momento do desenvolvimento que dá início a um comportamento totalmente novo do psiquismo.

De acordo com o pensamento deste autor o único bom ensino é aquele que antecede o desenvolvimento, proporcionando a formação de funções psíquicas superiores que são funções particularmente humanas como a atenção voluntária, a memória lógica, o pensamento abstrato, o autodomínio da conduta, etc. Vigotski (1996) nos remete ao desenvolvimento cultural do comportamento do indivíduo que se encontra numa relação direta com o desenvolvimento histórico e social:

O estudo da história do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, que constituem o núcleo básico na estrutura da personalidade nos permite formular do seguinte modo a segunda lei: as relações entre as funções psíquicas superiores foram anteriormente relações reais entre os homens; no processo de desenvolvimento as formas coletivas, sociais do comportamento se convertem em modo de adaptação individual, em formas de conduta e de pensamento da personalidade (Vigotski, 1996, p. 226).

Vigotski (1996), diz que o desenvolvimento dos interesses é a resposta para entender o desenvolvimento psicológico do adolescente. Nesta fase revela-se nitidamente as necessidades biológicas do indivíduo e suas necessidades culturais superiores conhecidas como interesses. Esse desenvolvimento constitui-se em maior parte os pontos do desenvolvimento social e histórico do que apenas o conteúdo do desenvolvimento biológico. Essa afirmação legitima a natureza cultural e histórica na formação do adolescente, assim os antigos interesses da infância vão sumindo surgindo novos interesses. Vigotski (1996) afirma que as mudanças nos adolescentes são na maioria internas e não externas, assim não são visíveis ao observador.

O autor ainda acredita que o processo de desaparecimento dos antigos interesses e o desenvolvimento dos novos é um processo longo, frágil e dolorido. Para ele existem momentos de crise no desenvolvimento humano e a anulação dos interesses antigos, que antes orientavam o exercício do indivíduo, provoca uma necessidade de mudança, mas essas crises que o adolescente passa não são totalmente negativas, pois auxilia o surgimento da nova forma de pensar (Vigotski, 1966).

Em contrapartida Elkonin (1987) traz que a comunicação pessoal constitui a atividade em que se formam os pontos de vista gerais sobre a vida, o futuro e as relações entre as pessoas. Desta forma com a comunicação pessoal forma-se a autoconsciência como consciência social transferida ao interior. A partir disso Elkonin (1987) afirma que surge o princípio para que se criem novas tarefas e motivos da atividade, transformando-se em atividade dirigida para o futuro, ganhando o caráter de atividade profissional de estudo. Para o

autor, o conteúdo de estudo do adolescente requer novos métodos de ensino e a educação escolar deve estimular o aumento da independência do adolescente.

Conforme Elkonin (1987), a identificação da atividade dominante na fase da adolescência aponta grandes dificuldades que consistem no acontecimento da atividade principal do adolescente ser o estudo escolar. Os adolescentes e as crianças são alvos importantes para os adultos pelos seus êxitos ou fracassos na aprendizagem.

Ao refletir sobre a teoria de Jean Piaget (1942) sendo aplicada nas escolas, podemos perceber que a função do professor nunca será a de “jogar” informações e conhecimentos no processo de subjetivação das crianças ou adolescentes, como se o cérebro de ambos fossem uma simples caixa disponível para guardar tudo o que o educador desejar. Ao contrário disso, Piaget compreende o cérebro humano de uma forma mais complexa, possuindo estruturas cognitivas das quais possuem um papel muito importante quanto ao processo de aprendizagem. Tal processo interno que auxilia no aprender é também algo presente nos sujeitos; entretanto, tais vias necessitam ser estimuladas para que melhor ocorra o aprendizado, e então, se encontrem presentes a capacidade de cada sujeito, que ao contrário de ser algo estático, pode ser desenvolvido e ampliado.

Através desse processo cognitivo, citado anteriormente (do qual, além do que foi chamado de “estruturas” também envolve outros termos da teoria Piagetiana como “esquemas, função, assimilação, acomodação e etc.”), podemos considerar que toda criança e adolescente na fase da vida em que se encontram, já possuem algo de “saber”, ou em outras palavras, não são seres que “nada sabem”, isso porque as estruturas cognitivas responsáveis pelo aprendizado já se encontram ativas dentro de si. Sendo assim, seguindo a teoria de Jean Piaget (1942), um dos objetivos que o professor precisa ter em mente ao lecionar, é que sua aula precisa promover a experimentação, ou seja, os alunos precisam experimentar o aprendizado através de alguma atividade que tenha como ponto de partida, algo que já é de conhecimento dos estudantes; entretanto, essa atividade também precisa estar em uma espécie de “equilíbrio”, de maneira que tanto não possua tudo de conhecido para o aluno, ao mesmo tempo também, não pode haver tudo de desconhecido. Aliás, a parte desconhecida da atividade é de extrema importância e contém um desafio por de trás (também estimula a curiosidade); onde esse desafio significa que o estudante se tornará um ser ativo em seu aprendizado, usando parte de seus próprios esforços (com direcionamento do educador) para solucionar aquela “incógnita” trazida por algo que foge do seu “roteiro interno”, causando desequilíbrio (termo muito importante na teoria Piagetiana); algo que é totalmente diferente

do imaginário estudante passivo comum das escolas atuais (vale lembrar que a teoria de Piaget vai contra o atual sistema de ensino).

A escola como mediadora de uma visão de futuro para os adolescentes, entre muitas outras funções, necessita ser um espaço que prepara os estudantes para o mercado de trabalho; e principalmente, os prepara para uma escolha consciente de sua futura profissão ou atuação social. Podemos lembrar que cada um desses adolescentes presentes nas escolas, não são máquinas sem emoção ou sentimento - muito ao contrário disso, cada jovem adolescente é um ser movido por necessidades; e tanto podemos falar de necessidades conscientes (que a pessoa tem consciência) ou inconscientes (que a pessoa desconhece). Leopold Szondi (1947) foi o criador da Psicologia do Destino (a parte teórica de seus estudos) e de uma abordagem terapêutica intitulada Análise do Destino (a parte prática). Szondi (1947) mapeou as necessidades dos seres humanos, na mesma medida em que herdou o conceito de pulsão da psicanálise de Sigmund Freud, sendo exatamente esse termo usado para descrever essas necessidades – entretanto, realizando alterações perante seus estudos e compreensões, considerou que não existia apenas uma pulsão de vida, e outra pulsão de morte (como trouxe Freud em seus estudos), mas sim, 8 pulsões que movem a todos nós. Essas pulsões por sua vez, trazem consigo a possibilidade de se serem “canalizadas” tanto de uma forma positiva, quando de outra forma negativa. É nesse ponto que entra as profissões e atuações sociais, que são interpretadas pela perspectiva Szondiana como espaços onde as pessoas podem canalizar tais necessidades pulsionais; algo que leva ao conceito de “sublimação”, também herdado da Psicanálise de Sigmund Freud.

Pulsões na teoria freudiana são “pulsos” ambivalentes, ou seja, trazem uma dualidade de dois lados opostos no espírito do conceito, de forma a se unificarem em uma neutralidade, que só deixa de ser neutra na análise aprofundada a respeito da forma como a pessoa está fazendo uso dessas necessidades pulsionais, ou melhor, da maneira como determinado ser humano “sublima” e canaliza aquilo que o movimenta. Por exemplo, em uma sala de aula podemos notar a agressividade em muitos adolescentes, algo que se manifesta de diferentes maneiras. A agressividade por sua vez pode ser considerada uma energia negativa, da qual pode machucar outras pessoas, assim como pode ferir o próprio agressor, também em diferentes perspectivas. Por outro lado, um lutador de artes marciais realiza a aplicação dessa mesma energia, mas de uma forma benéfica, isto é, sem machucar a si mesmo e sem machucar o próximo. Por mais que esse lutador agrida fisicamente outra pessoa - no contexto de uma luta esportiva, essa outro ser, objeto da agressão, compreende perfeitamente o

contexto em que está incluso naquele momento, e mais do que isso, por vontade própria o mesmo se colocou em tal situação; o que significa paradoxalmente que esse lutador não está de fato machucando alguém, ao mesmo tempo em que fisicamente se encontra ferindo. Dessa maneira, podemos notar uma forma de sublimar essa tendência considerada negativa, e usufruir de seu polo positivo. Seguindo esse simples exemplo, podemos lembrar que uma escola é formada por diversas tendências das quais tem se manifestado tanto nos alunos, quanto nos professores, assim como em todos os profissionais atuantes que compõe aquele espaço educacional.

Mas a pergunta que fica é a seguinte: o que se encontra por de trás dessas tendências? Essa é uma questão da qual a psicologia pode levantar diversas respostas quanto ao funcionamento pulsional por de trás dos comportamentos de cada estudante ou professor. E mais do que colher essas informações, seria possível através da abordagem proposta por Szondi (1963), chamada de “Análise do Destino” realizar uma orientação vocacional bastante diferenciada daquilo que já conhecemos por orientação de carreira. O psicólogo pode encontrar atuações sociais e profissões onde aquele jovem pode exercer suas “ocultas” pulsões, principalmente aquelas por assim dizer “negativas”, através de atividades sublimadas, onde poderá acontecer a transformação de tendências que antes eram consideradas negativas na vida daquele adolescente, mas que a partir daquele momento se transforma em algo benéfico para si próprio, e que contribua com a sociedade.

Outro tema importante envolvendo a educação é o chamado “fracasso escolar”, do qual é definido, quando um grupo grande de sujeitos dentro da sociedade não conseguem concluir as etapas do ensino obrigatório, por motivo de abandono escolar precoce, por dificuldades de aprendizagem, entre outros. Também devemos levar em consideração aquele grupo de pessoas que passou no ensino obrigatório, mas não consegue alcançar nenhum outro título que lhes permita se formar em uma profissão específica. Maria Helena Souza Patto (1999), discorda que as causas do fracasso escolar, estão relacionadas com características individuais de cada aluno, e que os motivos seriam questões institucionais e sociais. Na pesquisa feita por Patto (1999), observou-se que o fracasso escolar está ligado ao modo capitalista de compreender a realidade, e que os problemas escolares estão diretamente envolvidos com questões políticas e manipuladas pelas classes dominantes.

Para a autora "as dificuldades de aprendizagem escolar da criança pobre decorrem de suas condições de vida" (Patto, 1999, p214). Tais fatores externos afetam diretamente as possibilidades de estudo. No sistema de ensino atual espera-se que os estudantes subam

degraus gradativamente, seguindo um fluxo imparável e desafiador, não permitindo o fracasso e o punindo quando ocorrido, com reprovações, por exemplo. A expressão "pedagogia da repetência" do educador Sérgio Costa Ribeiro, se refere ao fato dos alunos repetirem um ano de estudo quando não alcançam as médias necessárias. Patto afirma (1999) que a escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir, em sala de aula, tendo em mente um aluno ideal. O idealismo imposto sobre os alunos, ignorando todo seu contexto social, acaba tirando a credibilidade deles de sua capacidade de aprender. A exigência por já saber vários conteúdos antes mesmo de ingressarem na escola é injusta e desleal quando levado em consideração que nem todos têm as mesmas oportunidades.

2.1 ESCOLA E AFETO

Sobe
O degrau cinza e branco da escola
Onde se fez irmãos
Ele tentava entender
Depois de um tempo
Do que que valia o esforço
Do que que ele ia lembrar
(RUBEL, Colégio, 2016).

A música de Rubel retrata o contexto escolar, onde se constroem relações que muitas vezes são levadas para a vida inteira. Também mostra a dúvida onde se questiona o tempo e esforço depositados na escola, se algo dali será levado para a vida. Habilidades e afinidades acabam sendo podadas pela linha conservadora de ensino onde pouco se explora a real capacidade dos estudantes. O espaço da escola onde tanto se desenvolve a capacidade de socialização acaba por não estimular maneiras dinâmicas de ensino, se prendendo a notas e trivialidades. Um grande influenciador de como essas situações são digeridas, são os afetos que circulam por esse ambiente.

Para Spinoza (1970), a afetividade é neutra em si mesma, não é boa ou má, mas depende da maneira como é gerenciada e expressa pelo indivíduo. Os afetos que circulam no ambiente escolar influenciam diretamente a experiência dos estudantes. A teoria da ética de Spinoza pode ser aplicada ao ambiente escolar para entender a importância da busca pelo conhecimento e da virtude. Spinoza acreditava que a virtude é alcançada através do conhecimento correto dos afetos e da capacidade de governá-los de maneira sábia e racional.

No ambiente escolar, os alunos são incentivados a buscar o conhecimento e a desenvolver habilidades de pensamento crítico, que podem ajudá-los a desenvolver a virtude e a tomar decisões sábias em suas vidas. A ética de Spinoza (1970) envolve a busca pela alegria

e a diminuição da tristeza. O filósofo acreditava que a liberdade é alcançada através do conhecimento correto e da capacidade de governar os afetos, o que pode ajudar os alunos a superar suas limitações e alcançar seu pleno potencial.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza do método de revisão bibliográfica, que segundo Gil (2002) é o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é desenvolvida através dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. O trabalho é feito ao longo de um processo que tem diversas fases, desde a correta formulação do problema até a própria apresentação dos resultados.

Para Marconi e Lakatos (1992), pesquisa bibliográfica é o levantamento de bibliografias já publicadas, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. O objetivo é que o pesquisador tenha contato direto com os trabalhos escritos para que isso o auxilie na análise das informações para construir os textos.

A partir disso, os artigos utilizados neste trabalho foram retirados das bases de dados: Scielo e Periódicos CAPES, utilizando as palavras-chave “Escola pública” e “Psicologia”. O período coberto foi de 2021 a 2023, pois compreende o ano da reforma do ensino médio e dois anos após. Vale ressaltar que nesse período, ocorreu a pandemia devido a Covid-19, que foi desde março de 2020 até maio de 2023. Os critérios de inclusão foram textos publicados entre os anos de 2022 a 2023, escritos na língua portuguesa, disponíveis na íntegra e que tivessem como autor um psicólogo. Os critérios de exclusão foram: artigos que não condiziam com o tema, estão fora do período escolhido, não ser possível acessar o conteúdo na íntegra e não ter versão na língua portuguesa.

Após a pré-seleção dos artigos, foi feita a leitura dos seus resumos para analisar a relação com a temática apresentada neste trabalho. A revisão deste trabalho foi organizada da seguinte forma: 1) levantamento bibliográfico identificado nas bases científicas analisando título, ano, palavras-chave e autoria das publicações; 2) análise dos materiais selecionados e os critérios de inclusão e exclusão para verificar o que se enquadra dentro da possibilidade de pesquisa

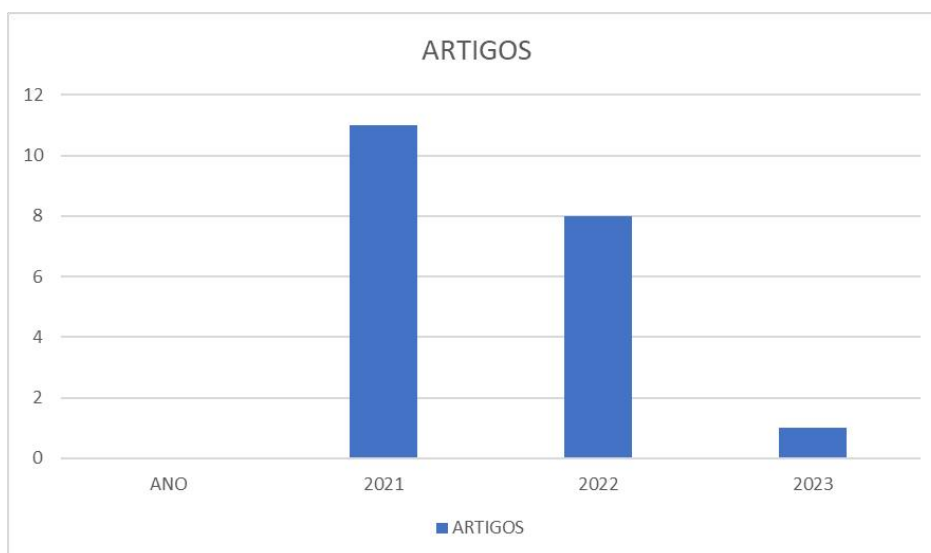
Ao todo foram encontradas 3.066 produções nas bases de dados analisadas, sendo 171 na SciELO e 2895 no Periódico CAPES. Dos artigos encontrados, 772 foram excluídos por

não estarem na língua portuguesa e 2207 não estavam compreendidos no período de tempo analisado. Dos 87 restantes, 5 eram duplicatas e 63 não tinham relação com o tema deste trabalho. Portanto, de 3066 produções encontradas, após aplicados os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 19 artigos para análise que segue, conforme a tabela no Apêndice A.

4 RESULTADOS

Os resultados dos 19 artigos selecionados com base nos critérios de inclusão e exclusão, serão descritos por textos e tabelas. Na Figura 1, é possível verificar a quantidade de artigos publicados nos anos analisados para a construção desta pesquisa.

Figura 1 – Publicações por Ano.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nota-se uma prevalência de publicações sobre psicologia e escola pública no ano de 2021, e logo após, em 2022. A lei do novo ensino médio foi aprovada em 2017, mas teve seu início alguns anos depois.

O novo ensino médio teve como objetivo a ampliação da carga horária e nova organização curricular. Para Milton Ribeiro (2021), ministro da educação à época, esse é um trabalho a médio e longo prazo, nunca a curto prazo, justificando assim as reformas atuais para colher na educação brasileira no futuro.

Dos 19 artigos analisados, 11 são do ano de 2021 com as temáticas sobre violência na educação (Ribeiro, et al., 2021; Carvalho, et al., 2021), Psicologia escolar (Pfeil, et al., 2021; Leite, et al., 2021; Fiaes, et al., 2021; Santos, et al., 2021) Estilos de liderança de professoras (Slobodzian, et al., 2021), Resiliência infantil (Oliveira, et al., 2021), Saúde no contexto da

residência Multiprofissional (Duarte, et al., 2021) e Mudanças climáticas e o cuidado ambiental (Barros, et al. 2021). Do ano de 2022 tiveram 7 artigos com as temáticas de práticas e processos dialógicos (Paula, et al., 2022; Silva, et al., 2022), Psicanálise (Silva, et al., 2022) Funções mentais superiores e contrapondo-se à medicalização (Leonardo, et al. 2022), Problemas de aprendizagem (Barrera, et al., 2022), Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (Arantes-Brero, et al.2022) e Desafios do Fazer Docente nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) (Figueiredo, et al. 2022). E tivemos apenas 1 artigo do ano de 2023 com a temática sobre subjetividade na atuação em Psicologia Escolar (Bonfim, et al. 2023).

Sobre os métodos dos 19 artigos analisados, 13 foram realizados de forma experimental com as temáticas de práticas dialógicas (Paula et al., 2022), subjetividade na atuação em Psicologia Escolar (Bonfim et al., 2023), problemas de aprendizagem e comportamento (Barrera et al., 2022), consultoria para a formação de Educadores (Arantes-Brero et al., 2022), desafios do fazer docente em sala de recursos (Figueiredo et al., 2022), percepção de professores sobre violência escolar e na educação (Gomes et al., 2021, Carvalho et al., 2021), intervenções com profissionais sobre educação sexual (Leite et al., 2021), percepções de estudantes sobre lideranças de professores (Slobodzian et al., 2021), automutilação na adolescência (Santos et al., 2021), resiliência infantil (Oliveira et al., 2021), e reflexões sobre a comunicação das mudanças climáticas (Barros et al., 2021).

Os artigos feitos a partir de relato de experiência foram 4 com as temáticas de psicologia cultural (Silva et al., 2022), contribuições da Psicanálise (Silva et al. 2022), Psicologia escolar na pandemia por COVID-19 (Fiaes et al., 2021) e residência multiprofissional (Duarte et al., 2021). Por fim os outros 2 artigos foram realizados através de revisão bibliográfica com os temas contraposição à medicalização (Leonardo et al., 2022) e Psicologia Escolar e persistências do colonialismo (Pfeil et al., 2021). Sendo assim verificamos que predominou os tipos de pesquisa realizados de forma experimental dos artigos utilizados. Tais métodos se desenvolvem bem em ambiente escolar, onde com este tipo de pesquisa é possível trazer dados e resultados mais conclusivos.

Na Figura 2, consta a relação das regiões do país com as publicações encontradas. É possível perceber prevalência de publicações na região sudeste do Brasil. Nos 19 artigos analisados não foram encontradas publicações nas regiões do norte e nordeste.

Figura 2 – Região do País com Publicação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), as regiões Norte e Nordeste têm o menor número de concluintes do ensino fundamental do país. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 apontou que a região nordeste é responsável por 47,9% da concentração da pobreza no Brasil, seguida da região norte com 26,1%. Verificamos que predomina a região sudeste dos artigos analisados, essa região é a mais populosa do Brasil, tem a maior força econômica e grandes cidades segundo o Brasil escola (2023). Segundo o Ministério da Educação (MEC) a região sudeste tem os mais altos índices de desenvolvimento da educação básica (Idebs) registrados em 2007. O MEC (2014) também afirma que a região sudeste possui o maior número de estudantes matriculados no ensino superior sendo maior de 44,6%.

A partir desses dados é possível refletir sobre alguns motivos que possam ter relação com o fato de que, seguindo os critérios de inclusão e exclusão para a escrita deste trabalho, não foi selecionado nenhum artigo das regiões Norte e Nordeste. Podemos compreender que a desigualdade também atravessa a produção acadêmica.

Já as revistas em que os artigos foram publicados foram as seguintes: Estudos de Psicologia, localizada em São Paulo, Psicologia Escolar e Educacional localizada em São Paulo, Psicologia: Ciência e Profissão localizada em Brasília, Fractal: Revista de Psicologia localizada no Rio de Janeiro, Psico-USF localizada em São Paulo e Educar em Revista localizada no Paraná. As revistas onde mais tiveram artigos utilizados foram a Psicologia

Escolar e Educacional; e a Psicologia: Ciência e Profissão. A primeira está vinculada à Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.

Verificamos que a maioria das universidades, onde tivemos mais artigos publicados, ficam na região Sul e Sudeste e nenhuma do Norte ou Nordeste. Na tabela 3 podemos ver a relação:

Tabela 1 – Universidades e Estados com Artigos Publicados.
Universidade **Estado**

Pontificia Universidade Católica	São Paulo
Universidade São Francisco	São Paulo
Universidade Estadual de Maringá	Paraná
Universidade Federal do Paraná	Paraná
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Mato Grosso do Sul
Universidade Federal Fluminense	Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
Universidade Federal de Uberlândia localizada	Minas Gerais

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As regiões que os autores estão publicando os artigos são de Brasília, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Analisando os trabalhos selecionados para essa pesquisa, pode-se perceber pontos importantes onde a escola tem grande relevância em várias áreas do desenvolvimento do estudante. Desde temas ligados diretamente ao ensino, até situações que se referem ao afloramento das habilidades sociais. Da educação bancária (Freire, 1968) ao estudo da circulação dos afetos (Spinoza, 1970), a escola é um ambiente multidisciplinar que participa de grande parte da conceitualização de mundo para os estudantes.

Pôde-se perceber uma falta de tato pela parte das instituições quando se refere a real experiência do aluno dentro do âmbito escolar. Temas como falta de intervenções relacionadas a saúde mental (Santos et al., 2021), necessidade da resiliência infantil (Oliveira et al., 2021) escolhas relacionadas a saúde (Duarte et al., 2021) e violência escolar (Gomes e Bittar, 2021).

Com o objetivo de identificar o papel da escola e a influência que ela exerce sobre os alunos, a análise dos artigos coletados expôs alguns pontos em comum entre eles. Foi colocado em vista também, a visão que os próprios estudantes têm sobre esse espaço e como se sentem impactados com as situações ali ocorridas. O foco no trabalho do psicólogo acerca desses pontos também é de importante atenção, pois determinando as principais questões e necessidades, facilita o trabalho para auxiliar na dificuldade de aprendizagem individualizada. Cada estudante tem sua realidade e condições específicas. A qualidade do ensino está diretamente ligada a ter essa percepção e no ajuste para sua melhoria (Patto, 1999).

4.1 A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS: PERCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL

Foi possível perceber que grande parte das questões que circulam o ambiente escolar, estão ligadas na verdade a socialização entre os estudantes e a relação destes com a instituição. A falta de atenção das escolas com temas relacionados a saúde mental e qualidade de vida foram pontos de destaque nos artigos analisados (Oliveira et al., 2021; Santos et al., 2021).

Com as exigências da sociedade atual, os indivíduos são submetidos a situações complexas e que exigem forte inteligência emocional. Superar adversidades e ter a resiliência necessária para se passar por um acontecimento não planejado é de extrema importância, tendo em vista a necessidade de evitar desfechos negativos. Quando se coloca em foco as diferentes etapas da vida, percebe-se que na infância, além de serem adquiridas habilidades físicas, como o desenvolvimento do corpo em si, também ocorre a maturação da parte cognitiva do ser. Essa evolução espera-se que aconteça de forma linear, mas por muitas vezes são situações adversas que fazem parte desse caminho (Oliveira et al., 2021).

É evidente que cada vez mais a resiliência se mostra necessária na vida dos estudantes. Não somente em aspectos estudantis, mas também nos espectros socioculturais e ético políticos.

Desse modo, a avaliação da resiliência nesse período pode auxiliar no processo de identificação de fatores de risco e proteção, assim como no reconhecimento de habilidades e repertórios que podem ser desenvolvidos por meio de estratégias de intervenção (OLIVEIRA et al., p.3 2021).

O período que a criança e o adolescente passam na escola é uma etapa do seu desenvolvimento onde se intensificam modificações socioemocionais. Tribos sociais e cultura impactam também nas vivências de cada estudante. Recentemente com o destaque da

psicologia positiva, os estudos direcionados para a resiliência notaram envolvimento do desenvolvimento psicológico sadio com as virtudes e caráter, estes então desenvolvidos muitas vezes por meio das instituições de ensino onde o pensamento crítico é posto em prática (Oliveira et al., 2021).

Os afetos que circulam no ambiente escolar também podem ter impactos negativos para os indivíduos (Spinoza, 1970). Com os estudantes tratados com descredibilidade, seu papel social se torna de receptor de conhecimento e apenas isso.

Embora a escola seja um espaço privilegiado da construção do ser criança e do ser adolescente, a posição social que é colocada sobre esses sujeitos ainda é a de não-saber (Santos et al., p.2 2021).

Para Freire (1968), os alunos são ativos no processo de aprendizagem. Com pensamentos críticos e sem serem submissos aos que lhes é propagado. A escola é um ambiente altamente rico em que o conhecimento científico se encontra com a história e cultura, e isso deve ser aproveitado para beneficiar ambas as partes, tanto instituição de ensino, quanto estudantes, que muitas vezes ainda não são vistos como pertencentes da sociedade (Santos et al., 2021).

O sofrimento auto infligido pelos estudantes está atrelado a vários fatores de suas vidas. Violência doméstica e sexual, bullying escolar, indiferença/rejeição das pessoas aos seus sentimentos. A sensação de solidão e queixas familiares interferem diretamente na captação de conhecimento. A dicotomia que é exigida entre vida estudantil e vida pessoal se torna irreal visto que o ser é um só e todas as áreas da vida interferem uma nas outras. (Santos et al., 2021).

Em Psicologia Escolar de Pfeil (2021) e Persistências do Colonialismo no Cotidiano Educacional de Zamora (2021), verificamos que a escola moderna funcionou principalmente para disciplinar os corpos, viabilizando a estabilização do capitalismo industrial segundo Veiga-Neto e Saraiva (2011). Ainda afirmam que “a mais generalizada instituição de sequestro, sendo sua ação muito mais decisiva para a constituição das sociedades disciplinares do que outras instituições” (Veiga-Neto e Saraiva, 2011, p. 6).

Segundo Veiga-Neto e Saraiva (2011), a educação escolar, afinada com a racionalidade política moderna, ao mesmo tempo totaliza e individualiza os sujeitos. Isto porque, “se por um lado a escola constitui individualidades singulares, criando subjetividades que se pensam únicas e indivisíveis, ela também cria posições de sujeito subordinadas a um

todo social, fora das quais cada sujeito nem mesmo faz sentido” (Veiga-Neto e Saraiva, 2011, p. 9). Isso impede que o sujeito seja pensado ou que pense a si mesmo como sujeito.

A partir de Veiga-Neto e Saraiva (2011) a visão da educação escolar como principalmente agregadora e fomentadora de pensamento crítico, pode ser questionada. Ela surgiu na modernidade tendo como base a desagregação – o corte entre o normal e anormal, o apto e inapto. Conforme Foucault (2008) a governamentalidade moderna cria a escola, um estabelecimento educacional com a arquitetura, gestão e técnicas pedagógicas e educacionais adquiridas tem o objetivo de disciplinar e normatizar os corpos dos estudantes. Foucault (2008) define a governamentalidade como um conjunto de práticas de governo que tem como objeto a população, como saber mais importante a economia e como mecanismos básicos dispositivos de segurança (Machado, 1998)

A educação também é vista como um mecanismo de equilíbrio social, e de superação da marginalidade que é um fenômeno acidental que abalava individualmente alguns membros da sociedade assumindo um papel bastante coercivo. Uma força equilibradora, com o papel de coesão, assim garantindo a inclusão de todos no corpo social. Para Ferreiro (2001, citado por Candau, 2011), a escola pública, gratuita e obrigatória do século XX, é sucessora desse movimento, cabendo a ela:

Criar um único povo, uma única nação, anulando as diferenças entre os cidadãos, considerados como iguais diante da lei. Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferentes origens. Encarregada de homogeneizar, de igualar, esta escola mal podia apreciar as diferenças (Ferreiro, 2001, citado por Candau, 2011, p. 242).

Os estudos de Paulo Freire (1979, 1987) no campo da educação ajudam a entender que as elites das sociedades que se formaram através de um processo de colonização apresentam sua lógica, pois é isso que assegura a continuação de seus privilégios. Nesse sentido, pode-se considerar que a criação de estabelecimentos de educação pública, gratuita e obrigatória, se dá fundamentalmente a partir da necessidade de dominar e ocupar indivíduos oriundos das camadas mais pobres, consideradas um risco moral para o projeto de nação que a elite branca desenvolvia no final do século XIX (Nascimento, 2005; Coimbra, 2000).

No artigo *Psicologia Escolar e Persistências do Colonialismo no Cotidiano Educacional*, de Pfeil e Zamora (2021), foi possível identificar o desânimo dos estudantes sobre a escola, mas não em todos os aspectos. A queixa frequente foi sobre os conteúdos, sendo questionado o porquê e para que aprendê-los. Essa falta de sentido dos estudantes sobre os conteúdos é frequentemente apontada por eles, sendo a maior causa da falta de

interesse na escola, assim mostrando o abismo que existe entre os conteúdos curriculares e as experiências vivenciadas pelos estudantes em seus contextos (Pfeil e Zamora, 2021).

Outra queixa comum dos estudantes entrevistados na pesquisa foi o formato da escola, alguns termos utilizados pelos mesmo foram “chatice”, “porcaria”, “obrigação”, “preguiça”, entre outros, quando questionados sobre o que a escola representa para eles, explicaram que entendem a escola como função de ensinar, mas sentem a sala de aula como lugar da “mesmice”, monotonia e passividade parecendo não motivados no processo de aprendizagem e insatisfeitos com a objetificação que esse espaço os impõem (Pfeil e Zamora, 2021). Quanto a essa questão, é interessante refletir sobre uma contradição denotada por Pato (1990) a respeito de duas perspectivas sobre a vida educacional brasileira, que estão inclusas de forma conjunta, dentro de argumentações quanto a questão do “fracasso escolar”, tema do qual foi muito estudado pela autora; – de um lado temos uma visão que traz a ideia de que o ensino no Brasil, em sua maior parte, não é capaz de motivar alunos; já a outra forma de olhar impõe uma cobrança para cima dos estudantes, que segundo esse pensamento, exige que os educandos portem atributos como motivação, interesse e engajamento - em uma escola da qual é vista justamente como não sendo capaz de portar essas qualidades; ou seja, sem a condição de ser um ambiente educacional atraente. Pato (1990) destaca ainda que muitas vezes, ao invés de considerar o que foi exposto, o desinteresse dos estudantes é percebido como anexados a uma desvantagem do grupo cultural, ao qual determinado aluno faz parte.

Nos artigos A Violência na Educação: Considerações de Professores Violentados de Carvalo e Barroco (2021) e Atuação em Psicologia Escolar: Intervenções com Profissionais Sobre Educação Sexual de Leite et al. (2021), temos a perspectiva teórica de que a escola é reconhecida como essencial para a formação e humanização dos sujeitos, podendo ser considerada, depois da família ou o grupo primário, como segunda instituição mais importante no desenvolvimento formativo humano. Através dela podem se apoderar, gradualmente e sistematicamente, daquilo que a humanidade tem realizado, sendo que o conteúdo curricular atinge no modo como entendem o mundo e a si mesmos. A escola lhes permite contar com recursos instrumentais que alteram seus psiquismos (a percepção, o pensamento, a memória, a linguagem etc.), promovendo-lhes o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vygotski, 2000) - que se caracterizam pela intencionalidade e consciência com que são empregadas, e por serem geneticamente de ordem cultural (Carvalho e Barroco, 2021; Leite et al., 2021).

A abordagem Histórico-Cultural de Vigotski favorece “uma visão de homem e sociedade dialeticamente constituídos em suas relações históricas e culturais” (Marinho-Araújo, 2010, p. 27) e considera mediação psicológica nas relações sociais como uma forma de alavancar o desenvolvimento (Vigotski, 2000). Conforme Petroni & Sousa (2014), essa abordagem possibilita considerar o psicólogo como mediador das relações, possibilidades de transformação e mudança, possíveis reconhecimentos à conscientização sobre si e sobre o outro (Leite et al., 2021).

Já no artigo *Diferentes Percepções de Meninos e Meninas Sobre os Estilos de Liderança de Professoras* de Slobodzian e Batista, (2021) vemos como o ambiente escolar e os professores influenciam no desenvolvimento das relações interpessoais das crianças. Na infância, os contextos em que a criança está inserida são primordiais para o seu desenvolvimento. Seja na família ou na escola, as relações determinadas nesses locais podem prover o aprendizado de comportamentos importantes para o desenvolvimento de comportamentos sociais, compreensão de valores e normas que regulam a vida em sociedade, segundo Del Prette e Del Prette (2017).

Conforme citado acima o ambiente escolar beneficia o desenvolvimento das relações interpessoais, pois a criança aprende, nas diferentes relações constituídas, comportamentos acadêmicos e sociais (Dias, 2016). Além disso, segundo Batista e Weber (2015), as interações no ambiente escolar, principalmente entre professor e aluno, podem garantir tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o desenvolvimento geral da criança. Para Osti e Brenelli (2013) a sala de aula se configura como um espaço rico de troca de conhecimentos e afetos entre professor e aluno.

No artigo *Os sentidos de trabalho e escola* construídos por adolescentes trabalhadores de Santana e Ristum (2022), foram entrevistados quatro adolescentes que trabalhavam e estudavam e tinham entre 13 a 15 anos. Um dos participantes, nomeado como Roberto, entende que trabalhar e estudar são caminhos para se tornar um “homem de bem”. Santana e Ristum (2022), questionaram o adolescente sobre o sentido da escola para ele e a resposta seria que é o começo do aprendizado, dizendo também que sem a escola não existiria o trabalho. Os autores expressam que a partir da pesquisa, a escola foi associada à possibilidade de um futuro melhor e também mencionada como essencial para o participante.

Apesar de ser um adolescente trabalhador, Roberto tem, sobre a escola, a expectativa de que ela poderá auxiliá-lo a ascender socialmente e cursar um curso de nível superior, mencionado sempre como uma projeção de futuro bastante significativa, explicitando que não deixaria a escola por causa do trabalho por considerar que

somente a escola possibilitaria a ele a almejada ascensão social (Santana e Ristum, p.4, 2022).

Nesta mesma pesquisa, outro entrevistado atribui a escola como mecanismo de auxílio para alcançar as expectativas de futuro, sendo visto como algo que fornece ferramentas para uma ascensão social (Santana e Ristum, 2022). As outras duas participantes, nomeadas como Laura e Gabriela, entendem a escola como uma ferramenta para alcançar os objetivos futuros também.

Paula e Branco (2022) argumentam, baseando-se na Psicologia Cultural, em como a noção de sujeito ativo é responsável como papel central e o sujeito atuando como agente para construção da cultura, do desenvolvimento e de conhecimento. Porém, também sendo introduzido a processos para adquirirem a cultura em contextos sócio-histórico-culturais em que o indivíduo se encontra.

Além de ocorrer, especialmente, nos contextos das interações sociais, outros aspectos e circunstâncias do próprio ambiente são capazes de gerar limites e sugestões – sempre impregnadas de um sentido cultural –, para o desenvolvimento do indivíduo. Neste artigo, dentre os contextos cultural e socialmente organizados, iremos focalizar as instituições educativas e as práticas escolares, com especial ênfase nas interações entre professores e alunos, analisando como essas práticas colaboram ou não para a manutenção ou a desconstrução de preconceitos de toda ordem (Paula e Branco, p.2 2022).

No artigo Desafios do Fazer Docente nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), Figueiredo e Silva (2022) discorrem sobre grandes mudanças que ocorreram na maneira como os seres humanos exercem seus trabalhos, das quais aconteceram nos anos de 1970 até o ano 2000 – exercendo influência no século atual, impactando consequentemente a educação. Tendo isso em mente, Figueiredo e Silva (2022) trazem como dado histórico o fato de que no Brasil, de 1970 até 1980, teve início o surgimento da Pedagogia Tecnica - que trouxe uma atuação educacional organizada através de uma “aura” de controle, limitação e rigidez. O que segundo as autoras, caminha na contramão de uma boa atuação profissional por parte dos professores, que necessitam introduzir na prática uma forma de trabalhar e ensinar, da qual seria mais "volátil" a mudanças e ajustes que o educador compreende que precisa realizar, pois subjetivamente nota importância, principalmente perante as circunstâncias de cada dia e seus desafios, e também uma forma de trabalho mais intuitiva, visando a resolução das problemáticas enfrentadas por estudantes. Flexibilidade essa que seria essencial para que o docente pudesse conseguir promover o ensino da forma mais correta possível.

No artigo *Processos Dialógicos na EJA: Refletindo a Partir da Psicologia Cultural* tem como destaque uma questão de total valor reflexivo, que vai ao encontro de nossa discussão. Segundo Silva et al., (2022), o fato do sistema educacional não focar um método de ensino que seja volátil a grande diversidade de estudantes que estão em processo de aprendizado e crescimento pessoal, ao invés disso, trazer um método de ensino que seja muito parecido para todos, não considerando as individualidades de cada aluno – gera um processo de exclusão educacional.

Segundo Figueiredo e Silva (2022) justamente por não ter surgido essa escola "flexível", a rigidez que passava a existir por sua vez, gerou o que podemos considerar como sofrimento no trabalho, sentido por muitos professores. É a partir dessa base que Figueiredo e Silva (2022) tecem sua pesquisa em uma escola pública (municipal) do estado do Nordeste, envolvendo o tema central do artigo analisado - as Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), onde sinaliza que, aquilo planejado pelo Ministério da Educação (MEC), além de outros órgãos do governo, para o funcionamento das SRM, não está totalmente de acordo com a realidade do trabalho vivenciado no dia a dia, gerando sofrimento nos profissionais educadores. Porém, por outro lado, tal provação por sua vez também acaba sendo o motor base que força professores a sair da zona de conforto, para assim desenvolverem por conta própria sua inteligência, adotando na prática profissional, estratégias a fim de encontrar soluções para resolver essa contrariedade. É nesse ponto que podemos considerar a importância do papel do psicólogo escolar, na função de prestar apoio psicoterapêutico aos educadores, buscando encontrar junto aos docentes as melhores soluções e estratégias, para assim enfrentar e resolver essa situação desafiadora. Além disso, o psicólogo escolar pode contribuir para gerar a diminuição, ou enfrentamento, do sofrimento vivenciado pelos professores.

Foi notado que essa espécie de "muro" que separa o que foi planejado para aquilo que faz parte da prática, é também uma questão encontrada em outros artigos analisados - por exemplo, na publicação *"Relevância da Escola no Desenvolvimento Das Funções Mentais Superiores: Contrapondo-se à Medicalização"* de Leonardo e Silva (2022). A pesquisa traz como crítica o fato que até os dias atuais, ainda existe uma repetição da ideia que diz que as queixas escolares estão vinculadas apenas ao fator fisiológico, o que obviamente dá um foco no indivíduo (aluno) como fonte da problemática e questão a ser resolvida. Para o mesmo autor, essa ênfase por sua vez, ignora muitos outros fatores que estão para além do estudante em si, dos quais fazem parte da história, da cultura, do social, da economia e até mesmo da

política – componentes esses que também podem ter uma participação nessas queixas, interferindo no processo de aprender do estudante.

Podemos fazer uma integração com o artigo “Problemas de Aprendizagem e Comportamento no Ciclo 1 do Ensino Fundamental”, onde para os autores Barrera e Moriel (2022), “problemas de comportamento e dificuldades de aprendizagem são fatores complexos e multideterminados”. Sendo assim, podemos lembrar do que foi citado anteriormente, a respeito do simbólico "muro" que separa duas realidades, onde nesse caso, de um lado temos uma ideia muito forte que ainda circula na mente coletiva, que foca apenas o aluno como a origem de preocupações educacionais, e no outro aspecto, contemplamos uma realidade feita de muitos outros possíveis determinantes que precisam ser avaliados, por de trás da questão central que os educadores buscam solucionar. E conforme nossa compreensão, esses dois artigos diferentes nos fazem refletir sobre a importância de uma integração entre algo que está na “dimensão das ideias” para aquilo que faz parte da realidade prática, quanto a vida educacional. E concluímos assim que o psicólogo escolar traz consigo o potencial para atuar como um agente de integração, do qual pode desenvolver essa “ponte” entre teoria e experiência real (Barrera e Moriel, 2022).

A escola tem um papel fundamental para os estudantes inclusive nos primeiros anos do ensino fundamental pois coincidem com a fase do desenvolvimento psicossocial, a qual, segundo Erickson, é marcada pela crise produtividade versus inferioridade, na qual a criança sente necessidade de realizar tarefas valorizadas no seu ambiente (Erickson, 1982, citado em Papalia e Feldman, 2013). O sucesso escolar, nesta fase, contribui para uma resolução adequada dessa crise. O fracasso acadêmico, por sua vez, pode gerar na criança um senso de não cumprimento da sua tarefa psicossocial de desenvolvimento (Medeiros et al., 2000) conforme o artigo citado acima.

Consegue-se perceber que a escola é um ambiente rico ao falarmos de possibilidades. Na escola se tem a possibilidade de adquirir conhecimentos, cultivar novas amizades, aprender a conviver em sociedade, desenvolver o pensamento crítico e vislumbrar o futuro. Porém, por mais que a escola consiga proporcionar essas experiências, ainda há uma necessidade especial em dar atenção para a forma como essas coisas são estimuladas nesse ambiente. Entender as individualidades é um caminho a se traçar para determinar melhores medidas educacionais, desestimulando o fracasso escolar e tratando cada aluno como um ser único (Patto, 1999).

4.2 A PSICOLOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Tendo em vista que a separação entre aluno e sociedade pode causar angústia a esses estudantes, o trabalho do psicólogo ganha força no contexto educacional, uma vez que a atuação com a escuta desses sujeitos auxilia no entendimento das principais demandas e promoção da saúde mental, pois dessa forma é possível dar voz ao estudante e permitir que sua palavra circule com a devida potência que desejam. O combate ao racismo, capacitismo e desigualdade de gênero também são pontos de atenção ao psicólogo no contexto escolar, pois demandas podem surgir a partir dessas questões (Santos et al., 2021).

Cabe ao psicólogo que acompanha esse ambiente escolar, formular reflexões acerca dessas situações e por meio da escuta ativa proporcionar ao estudante um lugar de fala, onde as posições são horizontais. Nortear as instituições com objetivos e ações específicas para sanar as demandas patologizantes é um trabalho incumbido aos profissionais da saúde mental. É importante ressaltar que não existe uma culpa diretamente ligada a instituição de ensino em si. O contexto geral sofre interferências de vários aspectos isolados, que acabam por se afunilar resultando então no impacto ao estudante. A questão é entender a importância que esse ambiente tem e seu valor e força quando se trata de possibilidades para gerar reflexões e melhoria na qualidade de vida e ensino desses estudantes (Santos et al., 2021).

Segundo Vygotski (2000) entende-se necessário que a Psicologia identifique a gênese dos fenômenos ou objetos, que busque investigar a historicidade deles, a relação que estabelecem com a prática social em dado espaço temporal, geográfico, por fim, a sua relação com a cultura. O autor parte do entendimento de que eles se apresentam e são percebidos de acordo com dadas condições sócio-históricas (Carvalho e Barroco, 2021).

De acordo com essa perspectiva, nas Referências Técnicas para atuação de psicólogos na Educação Básica, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013) sustenta uma Psicologia Escolar crítica e contextualizada, buscando o enfrentamento de ocasiões neutralizadas no contexto escolar, conquistando explicações que responsabilizam estudantes, familiares e professores. Destaca a contribuição do psicólogo como mediador no fortalecimento do papel do professor como agente importante do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, a literatura no campo da Psicologia Escolar traz a necessidade de trabalhar com os vários atores, passando de uma perspectiva clínica e curativa para uma perspectiva preventiva, objetivando a promoção do desenvolvimento dos atores do processo educativo (Dias et al., 2014; Marinho-Araújo, 2010; Valle, 2003).

O artigo *Psicologia Escolar na Pandemia por Covid-19: Explorando Possibilidades* de Fiaes et al., (2021), também traz sobre a Psicologia Escolar e Educacional que tem como princípios da prática profissional um projeto educacional que proponha práticas de formação de qualidade para todos; que enfrente os processos de medicalização e judicialização de educadores e educandos; que lute pela valorização do trabalho do professor e por políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de todos e todas; que estabeleça relações escolares democráticas e que invista na superação dos processos de exclusão e estigmatização social (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Entretanto, a identidade do psicólogo no ambiente escolar ainda é alvo de questionamentos e encontra-se em processo de consolidação (Senna e Almeida, 2015).

Rossato e Bonfim (2023), relacionam em sua pesquisa, a constituição subjetiva do psicólogo que se apresenta no contexto escolar. Os autores entenderam que o processo educativo precisa ser compreendido com a complexidade de como os processos humanos atravessam também esses profissionais, sendo importante o reconhecimento da natureza individual e singular.

(...) podemos sugerir que a dimensão subjetiva da formação pode impactar e fortalecer o psicólogo como sujeito de sua aprendizagem, mediante um posicionamento qualitativamente diferente, numa condição ativa e crítica, cujas dúvidas, imaginação e reflexão constituem a base da relação com o aprender profissional (Rossato e Bonfim, p.12 2023).

Os autores Silva e Alberti (2022), abordaram sobre práticas interventivas, com foco psicopedagógico voltada a não medicalização no processo de aprendizagem. Foi entendido que era necessário um olhar clínico para além da sala de aula, mas também para os alunos, familiares, professores e contexto social, econômico, político e geográfico em que a escola está inserida.

Ampliar a prática da psicologia para muitos outros espaços. Seria uma forma de colocar em prática um compromisso social pautado na promoção de bem-estar social e psicológico para todos. Também aposto que pequenas ações contribuem para mudanças no contexto econômico e político de um país (Silva e Alberti, p.11 2022).

Consideramos novamente a importância do psicólogo escolar, que através de um atendimento realizado ao estudante, do qual, teoricamente seria a “fonte do problema de aprendizado”, o psicoterapeuta ao realizar uma escuta e investigação adequada perante a abordagem da psicologia que busca se orientar – vai conseguir descobrir se a fonte (motivo a

ser trabalhado e resolvido) do relato de queixa escolar tem um foco central no aluno, ou então, se é feita de múltiplos fatores para além do mesmo.

Tomando por base o que foi dito, Leonardo e Silva (2022) destacam outro simbólico “muro” separando duas possíveis realidades - no caso, se destaca em seu artigo uma questão bastante complexa, que merece ser analisada com o devido cuidado e profundidade científica. Segundo Leonardo e Silva (2022) é fato que atualmente, muitas crianças que são observadas possuindo comportamentos de desatenção e hiperatividade passam por atendimento clínico de psicólogos e/ou médicos, onde uma boa parte recebe o diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção (TDA), ou então, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Nesse caso, estamos falando de crianças que passaram em atendimento com profissionais que precisam lidar com o conhecimento científico, ao qual, precisa estar de acordo com a realidade, ou seja, com aquilo que é fato para além da teoria. Vale lembrar aqui, o que destacamos no exemplo anterior, sobre o papel que o psicólogo escolar pode desempenhar, em descobrir, através de um atendimento, se determinadas queixas escolares tem como fonte a criança em si, ou se essa queixa se mantém existindo sob outros determinantes que estão para além do aluno. Ou seja, nessa parte, colocamos o psicólogo clínico e escolar em uma posição e responsabilidade muito grande. Agora, para Leonardo e Silva (2022) não são todos os casos em que profissionais psicólogos reconhecem a fonte da queixa para além do indivíduo, mas sim, existe um número muito maior de profissionais que vem considerando justamente a criança, como centro da problemática, e muitas vezes portadora de transtornos do desenvolvimento como TDHA e TDA. Mas será que em todos esses atendimentos, tais diagnósticos estão realmente condizentes com a realidade? É nesse ponto que o artigo analisado traz uma reflexão seguindo uma análise de estudos de Lúria (1979). Para as autoras do artigo Leonardo e Silva (2022).

Desse modo, tomando por base os sistemas funcionais, bem como a interfuncionalidade das funções mentais superiores, temos subsídios para asseverar que um comportamento desatento ou hiperativo de uma criança não deve ser compreendido como decorrente exclusivamente do mau funcionamento de alguma função mental superior, notadamente a *atenção*, compreensão que tem subsidiado os diagnósticos dos supostos transtornos, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA). Assim, vale lembrar que uma função não funciona isoladamente, a memorização, por exemplo, requer fundamentalmente, a atividade da percepção e da atenção, e isto se aplica a todas as demais funções psicológicas (Leonardo e Silva, p.5, 2022).

Leonardo e Silva (2022), em sua pesquisa, ainda complementam a mesma questão da seguinte maneira:

Isso posto, se expande a possibilidade de colocarmos em discussão os diagnósticos que partem da premissa de que a criança é desatenta ou hiperativa porque determinado ponto ou área do cérebro não está funcionando como deveria e daí a indicação da medicação para ativar essa área específica. Dizemos isso respaldadas pela neuropsicologia lariana e entendemos que um medicamento que vai agir com a finalidade de ativar uma área específica, como por exemplo, a da atenção, não seria suficiente para fazer com que a criança deixasse de ser desatenta ou hiperativa, haja vista a interfuncionalidade das funções mentais superiores e ainda a complexidade que envolve as interconexões da própria unidade da atenção (Leonardo e Silva, p.5 2022).

Esse outro lado da questão coloca em xeque a importância do psicólogo em ultrapassar as barreiras limitantes do entendimento coletivo (do senso comum), através da ciência. Expõe incertezas quanto a esse tópico, porque o próprio conhecimento científico, como neste exemplo, não é apenas um único caminho a ser seguido por todos profissionais, mas sim uma ramificação de vários, com pontos de vistas que podem não ser o mesmo, divergindo entre si – de forma que podemos questionar – qual a “trilha” a ser seguida representa a verdade científica inegável? É a partir dessa base que Leonardo e Silva (2022) defendem a importância da escola em trazer uma educação que busca o desenvolvimento das funções mentais superiores, como uma alternativa a medicalização – visando que políticas públicas precisam ser criadas para esses fins, o que atinge consequentemente as escolas públicas. Para além do desenvolvimento das funções mentais superiores, no artigo analisado “Problemas de Aprendizagem e Comportamento no Ciclo 1 do Ensino Fundamental” Barrera e Moriel (2022) também destacam que:

(...) vários estudos têm enfatizado o papel da motivação, da autoestima e da autorregulação no ajustamento e conexão das crianças à escola, particularmente na transição da pré-escola para os primeiros anos do EF (Barrera e Moriel, p.12 2022).

Logo em seguida, Barrera e Moriel (2022) deixam em evidência que existe uma grande importância de trabalhar o controle da atenção (que é uma função mental superior) desde de a pré-escola, enfatizando que essa ação educativa pode auxiliar no enfrentamento das queixas-escolares. Mais uma vez notamos aqui a grande importância do psicólogo escolar

no auxílio do desenvolvimento das funções mentais superiores, assim como de outros aspectos psicológicos como a motivação, autorregulação e autoestima.

Por sua vez, quando falamos sobre todo esse trabalho do psicólogo educacional no desenvolvimento interior tanto de professores, quanto de estudantes – obviamente destacamos essa importância considerando que se deve haver uma melhoria nas políticas públicas quanto a educação, para que o trabalho do psicólogo escolar esteja funcionando adequadamente em escolas públicas. Se tratando da questão a respeito do desenvolvimento escolar e queixas educacionais, e de tudo o que foi discutido anteriormente - não podemos apenas pensar em melhorias para aqueles alunos dos quais seguem o percurso acadêmico de forma condizente com a idade prevista para estarem em determinada fase educacional, e se esquecer ou ignorar aqueles que por algum motivo, não conseguiram se manter nas escolas. É nesse ponto que entra o EJA, onde podemos retornar ao artigo analisado “Processos dialógicos na EJA: Refletindo a Partir da Psicologia Cultural”, de acordo com Silva e colaboradores (2022), “(...) não existe idade certa ou errada para aprender; a aprendizagem é um processo constante e inesgotável, no tempo irreversível”.

Entender o papel da psicologia nesse ambiente e como ela consegue melhorar o sistema como um todo, torna-se cada vez mais interessante o papel de mediador para o psicólogo, onde ele consegue dar voz aos alunos, compreendendo onde suas necessidades melhores se aplicam. Como diz Piaget (1942), não se deve tratar o aluno como uma caixa vazia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão da análise dos trabalhos, discussões e aprofundamento teórico utilizando de artigos e dados, conseguimos entender a relação da psicologia escolar e a sua importância como mediadora nas instituições de ensino.

Percebemos que o psicólogo está conquistando cada vez mais espaço para atuação dentro das escolas, com atendimentos, avaliações, diagnósticos e encaminhamentos de alunos com dificuldades escolares. Além disso, também pode participar em orientações para pais e alunos, orientações profissionais e auxiliando em projetos educativos sobre violência, sexualidade, drogas e outros assuntos emergentes.

É importante destacar sobre a resiliência que se faz necessária para os estudantes, em áreas socioculturais, ético-políticas e também nas áreas escolares. Sendo assim, percebemos ser possível desenvolver melhores estratégias de intervenção considerando a individualidade do estudante reconhecendo as habilidades e repertórios a serem desenvolvidos.

Entender a necessidade do olhar clínico ser além da sala de aula, mas também levar em consideração o contexto social, econômico, político e geográfico em que uma determinada escola está. Conseguimos perceber a importância de práticas interventivas psicológicas voltadas à psicopedagogia e com foco na não medicalização para o processo de aprendizagem.

Sendo importante também, um olhar para os profissionais da área educacional para poder compreender como a complexidade dos processos humanos e de aprendizagem impactam eles e também reconhecer como eles veem a natureza individual e singular de cada aluno.

Precisamos destacar a importância da escola como um ambiente rico de conhecimento e da importância dos afetos presentes no ambiente escolar, que podem causar impactos negativos e positivos sobre os estudantes. Os impactos em ver o aluno como receptor de conhecimento, papel de sujeito do “não-saber” e com descredibilidade podem ser negativos e impactar no pensamento crítico dos indivíduos. Freire (1968) explica a importância do papel ativo dos alunos nos processos de aprendizagem.

Entendemos que é possível considerar a escola como a segunda instituição para o desenvolvimento formativo humano, depois da instituição familiar. Sendo assim, podemos considerar a escola importante no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, por conta dos recursos disponíveis. Também trazendo o aluno como um sujeito ativo e adquirindo a cultura no contexto sócio-histórico-cultural.

A escola pode ser associada como uma possibilidade de um futuro melhor para muitos alunos, ascensão social e melhoria das habilidades de socialização.

O papel do estudante, deve ser de protagonista. Esses sujeitos estão na escola para aprender, e essa deve ser a principal atividade a ter sua atenção voltada. É importante fazer com que esses indivíduos usufruam de tudo que o ambiente escolar tem a oferecer, e um trabalho interdisciplinar facilita isso. As escolas e a psicologia podem juntamente ajudar os estudantes a se prepararem, não só para provas e para o mercado de trabalho, mas também para serem socialmente desenvolvidos, participando da dinâmica social da melhor forma possível. O psicólogo como um mediador para a voz do estudante, e a escola como ambiente propício para evolução acadêmica e social, podem juntos, abrir portas para um futuro melhor a todos.

6 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia escolar e educacional**, v. 12, p. 469-475, 2008.
- BARRERA, Sylvia Domingos; MORIEL, Eduardo Henrique. Problemas de Aprendizagem e Comportamento no Ciclo 1 do Ensino Fundamental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.
- BARUCH, Spinoza. **Ética**. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2009
- BONFIM, Francisca; ROSSATO, Maristela. A Expressão da Subjetividade na Atuação em Psicologia Escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023.
- SANTANA, Ramiro Rodrigues Coni; RISTUM, Marilena. Os sentidos de trabalho e escola construídos por adolescentes trabalhadores. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 34, 2022.
- DERI, Susan. **Introdução ao Teste de Szondi: Teoria e Prática**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2016. p. 1-368.
- DUARTE, Débora Silveira et al. Percepções e escolhas de adolescentes sobre saúde no contexto da residência multiprofissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. e219264, 2021.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Psicologia educacional: uma avaliação crítica**. Psicologia social: o homem em seu movimento, p. 154-180, 2012.
- VIGOTSKI, Liev Semiónovich. **Psicología pedagógica: Un curso breve**. Aique, 2001.
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia do oprimido**. Edição 17, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- FIAES, Carla Silva et al. Psicologia Escolar na Pandemia Por Covid-19: Explorando Possibilidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p, 2021.
- GOMES, Gilberto de Miranda Ribeiro et al. Percepções De Professores E Alunos Sobre A Violência Escolar: Um Estudo Qualitativo. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.
- LEITE, F., ALBERTO, M. DE F. P., & SANTOS, D. P. DOS. Atuação Em Psicologia Escolar: Intervenções Com Profissionais Sobre Educação Sexual. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.
- FIGUEIREDO, Séfora Lima de; SILVA, Edil Ferreira da. Desafios do Fazer Docente nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.
- LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; SILVA, Silvia Maria Cintra da. The School Relevance In The Higher Mental Functions Development: Countering Medicalization. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, 2022.
- OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia. Development and investigation of validity evidence for Children's Resilience Markers. **Psico-USF**, v. 25, p. 737-749, 2021.

SLOBODZIAN, Alexia Semzezyn; BATISTA, Ana Priscila. Diferentes Percepções De Meninos E Meninas Sobre Os Estilos De Liderança De Professoras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e227998, 2021.

SOUZA, C. DE et al. Adolescence In Debate: Theoretical Contributions In The Light Of The Historical-Cultural Perspective. **Psicologia em Estudo**, v. 23, 2018.

SZONDI, Leopold. **Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e Compulsão no Destino do Homem**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, p. 1-240, 2013.

SILVA, Joyce de Paula; ALBERTI, Sonia. Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.

PFEIL, Flávia Maria Cavallo; ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Psicologia escolar e persistências do colonialismo no cotidiano educacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.

OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia. Development and investigation of validity evidence for Children's Resilience Markers. **Psico-USF**, v. 25, p. 737-749, 2021.

OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; PEIXOTO, Evandro Moraes. Children's Resilience Markers: Validity Evidence for Internal Structure and Reliability. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, 2021.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

SILVA, Vanessa Rosa Bastos da et al. Dialogical Processes In Adult Education: The Perspective Of Cultural Psychology. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, 2022.

PAULA, Luciana Dantas de; BRANCO, Angela Uchoa. **Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógicas**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 39, 2022.

SANTOS, E. A. PULINO, L. H. C. Z., & Ribeiro, B. S. Psicologia Escolar e Automutilação Na Adolescência: Relato de Uma Intervenção. **Psicologia Escolar e Educacional**, 25, 2021.

SILVA, Vanuza Célia Sales. **Concepções de professores/as da rede pública de educação do Distrito Federal sobre inclusão escolar**. 2011.

MASCAGNA, Gisele Cristina. Adolescência: **Compreensão Histórica A Partir Da Escola De Vigotski**, Maringá, 2009.

DOS ANJOS, Ricardo Eleutério. O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 25, n. 1, p. 228-246, 2014.

PEGO, Vanda Oliveira Rodrigues et al. O Psicólogo Escolar Como Mediador No Processo Educacional Inclusivo. O Psicólogo Escolar Como Mediador No Processo Educacional Inclusivo, Maceió, p. 1-14, 20 jul. 2014.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. p. 1-252.

PODER360. Brasil teve 5 ataques com mortes em escolas em 2022 e 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>. Acesso em: 23 set. 2023.

GIL, Antonio Carlos; **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002. P.1-176.

SOLER, R. D. V. et al. **A Biopolítica E A Necropolítica Nos “Tristes Trópicos”: Neoliberalismo E Racismo Econômico No Brasil Pós-2016**, 2023.

MUNDO VESTIBULAR. 40% dos estudantes de ensino superior são da região sudeste. Disponível em: <https://www.mundovestibular.com.br/blog/40-dos-estudantes-de-ensino-superior-sao-da-regiao-sudeste>. Acesso em: 18 nov. 2023.

7 APÊNDICE A - QUADRO DE ARTIGOS ANALISADOS

Ano	Título do Artigo	Nome Completo de Todos os Autores	Palavras-Chave	Revista	Região do País	Tipo da Pesquisa
2022	Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógicas	Luciana Dantas de PAULA, Angela Uchoa BRANCO	Dialogismo; Educação; Preconceito; Psicologia cultural	Estudos de Psicologia	Centro-oeste	Experimental
2022	Processos dialógicos na EJA: Refletindo a partir da psicologia cultural	Vanessa Rosa Bastos da Silva, Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira, Ângela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco, Eileen Pfeiffer Flores	Processos dialógicos; psicologia cultural; Educação de Jovens e Adultos	Psicologia Escolar e Educacional	Centro-oeste	Relato de experiência
2022	Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise	Joyce de Paula e Silva, Sonia Alberti	Educação; Psicanálise; Saúde; Sujeito	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Relato de experiência
2023	A Expressão da Subjetividade na Atuação em Psicologia Escolar	Francisca Bonfim, Maristela Rossato	Subjetividade; Psicólogo Escolar; Atuação Profissional	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Experimental
2022	A relevância da escola no desenvolvimento das funções mentais superiores: Contrapondo-se à medicalização	Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Silvia Maria Cintra da Silva	Educação; escola; medicalização; psicologia histórico-cultural	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Revisão bibliográfica
2022	Problemas de Aprendizagem e Comportamento no Ciclo 1 do Ensino Fundamental	Sylvia Domingos Barrera, Eduardo Henrique Moriel	Dificuldades de aprendizagem; Problemas comportamentais; Estudo transversal; Ensino fundamental	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Experimental
2022	Possibilidades da Consultoria Colaborativa para a Formação de Educadores que Atuam junto a Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação	Denise Rocha Belfort Arantes-Brero, Vera Lucia Messias Fialho Capellini	Educação Especial; Altas habilidades; Superdotação; Consultoria colaborativa; Formação Continuada	Fractal Revista e Psicologia	Sudeste	Experimental
2022	Desafios do Fazer Docente nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM)	Séfora Lima de Figueiredo, Edil Ferreira da Silva	Psicodinâmica do Trabalho; Saúde Mental e Trabalho; Educação Inclusiva; Atendimento Educacional	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Experimental

2021	Percepções de professores e alunos sobre a violência escolar: um estudo qualitativo	Gilberto de Miranda Ribeiro e Buso Gomes, Cléria Maria Lobo Bittar	Especializado; Atividade Docente violência escolar; percepções; pesquisa qualitativa	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Experimental
2021	A violência na educação: Considerações de professores violentados	Mírian Alves Carvalho, Sonia Mari Shima Barroco	violência; educação; psicologia histórico-cultura	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Experimental
2021	Psicologia escolar e persistências do colonialismo no cotidiano educacional	Flávia Maria Cavallo Pfeil, Maria Helena Rodrigues Navas Zamora	colonialidade; escola; psicologia escolar	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Revisão bibliográfica
2021	Atuação em psicologia escolar: Intervenções com profissionais sobre educação sexual	Fernanda Leite, Maria de Fátima Pereira Alberto, Denise Pereira dos Santos	Psicologia Escolar; formação de professores; educação sexual	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Experimental
2021	Psicologia escolar na pandemia por COVID-19: Explorando possibilidades	Carla Silva Fiaes, Kelen Daiany Oliveira do Carmo Ribeiro, Mariana Figueiredo Andrade, Marianna Oliveira de Souza, Cintia Alves Tolentino, Myllena Torres Gonçalves	psicologia escolar; pandemia; escola pública	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Relato de experiência
2021	Diferentes percepções de meninos e meninas sobre os estilos de liderança de professoras	Alexia Semzezyn Slobodzian, Ana Priscila Batista	características do professor; interação professor-aluno; ensino fundamental	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Experimental
2021	Psicologia escolar e automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção	Elen Alves dos Santos, Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino, Beatriz Soares Ribeiro	Adolescência; automutilação; psicologia escolar	Psicologia Escolar e Educacional	centro-oeste	Experimental
2021	Desenvolvimento e Investigação de Evidências de Validade para o Instrumento Marcadores de Resiliência Infantil	Karina da Silva Oliveira, Tatiana de Cássia Nakano	avaliação psicológica; resiliência; infância; validade do teste; construção do teste	Psico-USF	centro-oeste	Experimental
2021	Marcadores de Resiliência Infantil: Evidências de Validade	Karina da Silva Oliveira, Tatiana de	Resiliência; Construção de Instrumentos;	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Experimental

	para Estrutura Interna e Precisão	Cássia Nakano e Evandro Morais Peixoto.	Avaliação Psicológica			
2021	Percepções e Escolhas de Adolescentes sobre Saúde no Contexto da Residência Multiprofissional	Débora Silveira Duarte, Lilian Fernanda Silva, Virgínia Junqueira Oliveira e Patrícia Pinto Braga.	Adolescência; Escolhas; Promoção da saúde	Psicologia: Ciência e Profissão	centro-oeste	Relato de experiência
2021	Reflexões sobre a comunicação das mudanças climáticas e o cuidado ambiental: a visão de professores no contexto escolar	Hellen Chrystianne Barros e José Q. Pinheiro	Mudanças climáticas; Cuidado ambiental; Psicologia ambiental; Professores; Contexto escolar	Educar em Revista	Sul	Experimental